

## HISTÓRIA DAS DOENÇAS NOS LIVROS DIDÁTICOS: A IMPORTÂNCIA DAS FONTES PRIMÁRIAS PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ

*Data de aceite: 02/01/2025*

**Raiza Aparecida da Silva Favaro**

**Lucas Rodrigues**

**Sabrina Araujo de Sousa**

### INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, iniciada em 31 de dezembro de 2019, trouxe impactos profundos e variados para a sociedade global, resultando em quase 15 milhões de mortes, conforme estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS). As restrições impostas por autoridades sanitárias e governamentais transformaram radicalmente o cotidiano e as relações sociais, afetando especialmente a educação, com destaque para o ensino básico. Durante o período pandêmico, a transição para o ensino remoto revelou as dificuldades enfrentadas pela maioria das escolas brasileiras, particularmente as públicas, que se viram confrontadas com a falta de preparo tecnológico e o desconhecimento das ferramentas virtuais, para além dos demais problemas sociais enfrentados há tempos.

A elevada mortalidade associada à COVID-19 está interligada a outras patologias, além de revelar e exacerbar uma série de impactos sociais. Nesse

**RESUMO:** A pandemia de COVID-19 revelou desafios significativos no ensino básico brasileiro, especialmente na transição para o ensino remoto, evidenciando desigualdades estruturais. A elevada mortalidade associada à COVID-19, junto com outras patologias, é analisada à luz do conceito de Sindemia, que destaca a interseção de problemas de saúde exacerbados por condições sociais adversas. Este estudo propõe uma intervenção pedagógica baseada em fontes primárias do período colonial, como as “Cartas Anuas” e o “Erário Mineral”, para explorar a história das epidemias. Através dessas fontes, busca-se desenvolver um ensino de História que promova uma compreensão crítica e contextualizada dos fenômenos sociais.

sentido, o conceito de “Sindemia”, formulado pelo antropólogo e médico norte-americano Merrill Singer, serve como referencial teórico para esta análise. Segundo Singer, Sindemia refere-se a “um conjunto de problemas de saúde intimamente interligados e que aumentam mutuamente, afetando significativamente o estado geral de saúde de uma população no contexto de persistência de condições sociais adversas” (Singer, 1996, p.99).

O contexto pandêmico ressalta a importância do ensino de História, não apenas como uma disciplina essencial nos currículos escolares, mas também como um elemento fundamental para a formação cidadã. Através de uma compreensão histórica mais sólida, os estudantes desenvolvem um senso crítico que lhes permite analisar as dinâmicas sociais ao seu redor. Como afirmam Schmidt e Cainelli (2004, p.150), ao ensinar História, é essencial “pensar o mundo além da sala de aula” e abrir os ambientes de aprendizagem para outros espaços, incentivando os alunos a refletirem sobre seu cotidiano.

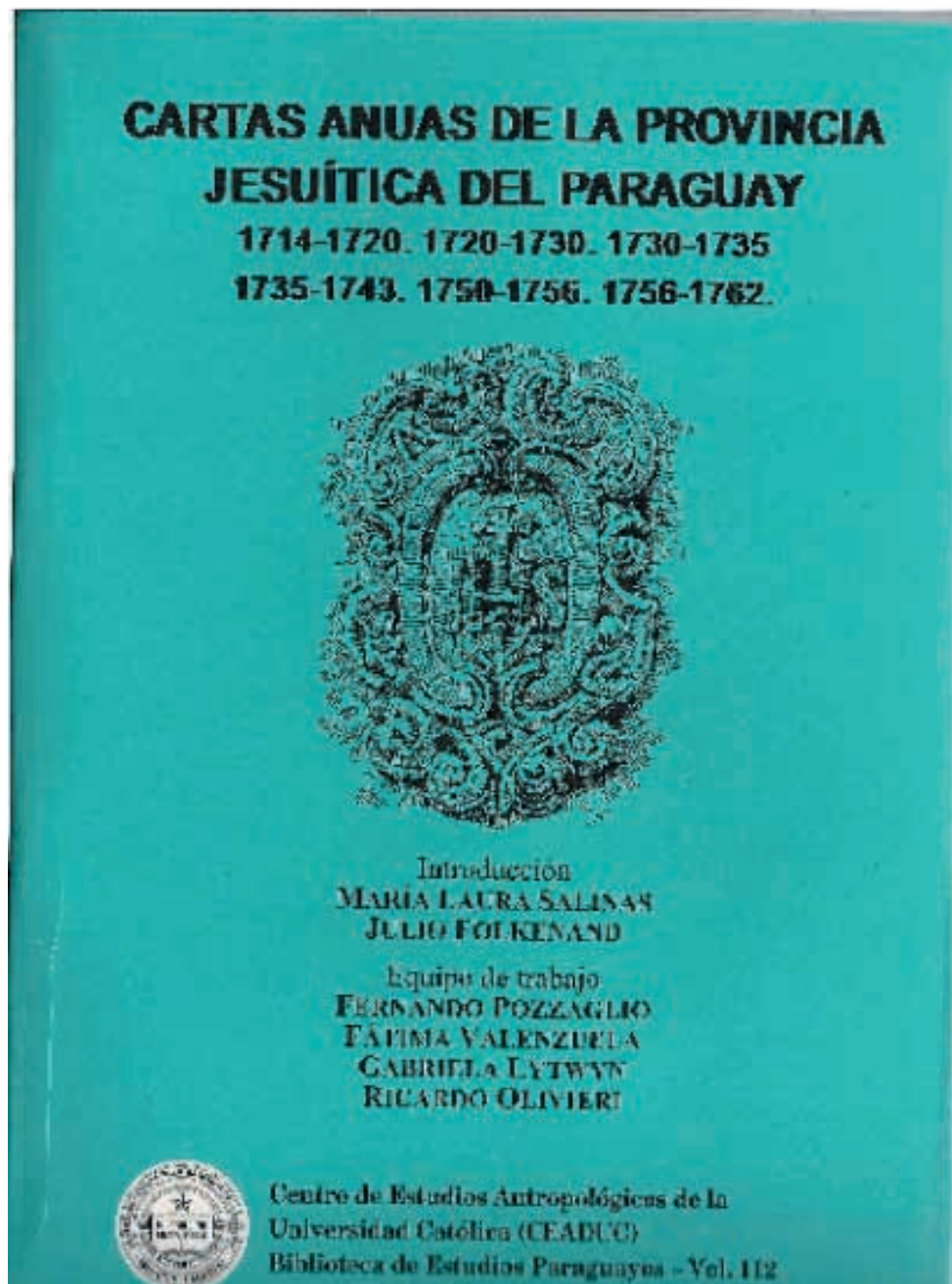
Nesse contexto, o uso de fontes históricas na educação é defendido por estudiosos da área de ensino e aprendizagem histórica, como Isabel Barca (2004), por exemplo, que propõe superar a aula tradicional de História através da utilização de fontes históricas, argumentando que o conhecimento histórico deve ser construído por meio de métodos semelhantes aos utilizados pelos historiadores, ou seja, mediante a metodologia da ciência histórica que envolve a crítica das evidências.

Diante da lacuna observada nos materiais didáticos convencionais, que raramente abordam o impacto das epidemias nas sociedades, este trabalho propõe uma intervenção pedagógica em sala de aula. Tal intervenção visa utilizar fontes primárias como recursos didáticos e abordar o conceito de Sindemia, com o objetivo de promover um saber histórico crítico entre os alunos. Como recorte para essa intervenção, propomos uma discussão sobre o século XVIII na América colonial, enfocando epidemias e tratamentos nos domínios da Espanha e Portugal.

O filósofo francês Michel Foucault (2000) defende a importância de estudar como os saberes confrontam-se historicamente, ressaltando que alguns conhecimentos se consolidam enquanto outros são marginalizados. Utilizando o conceito de “arqueologia” como analogia, Foucault sugere que, assim como o arqueólogo escava para reconstruir a história, os saberes disputam hegemonia e projeção. Portanto, ao analisar um período histórico, é necessário “escavar” para reconstruir cenários do passado que foram obscurecidos.

Para trazer à tona uma perspectiva referente a história das doenças no Brasil colônia, sugerimos a utilização de excertos de fontes primárias, entendidas aqui como recursos didáticos. Entre elas, destacam-se as *Cartas Anuais de la Provincia Jesuítica del Paraguay* (1714-1762), escritas pelos padres jesuítas na Bacia Platina, e o manual de medicina “Erário Mineral” (1735), do cirurgião português Luís Gomes Ferreira, que tratam das epidemias e dos tratamentos médicos na América Colonial.

**Figura 1:** *Cartas Ânuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1714-1762)*



**Fonte:** JESUITAS. 2017. Cartas ânuas de la Provincia Jesuitica de Paraguay. 1714-1720. 1720-1730. 1730-1735. 1735-1743. 1750-1756. 1756-1762. Biblioteca de estudios Paraguayos, Asunción, v.112.

**Figura 2:** Erário Mineral

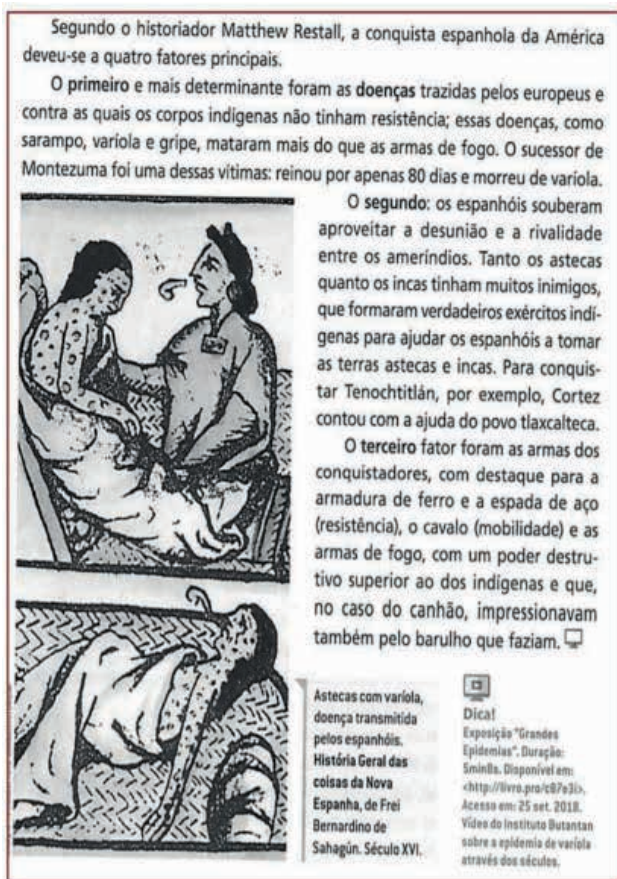


**Fonte:** FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral. Org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2002.

O historiador Jacques Le Goff (1985) argumenta que as doenças pertencem à História, pois são, antes de tudo, mortais. Em oposição à abordagem tradicional, a historiografia das doenças se expande com o intuito de refletir criticamente sobre a arte da cura, a institucionalização da medicina, o adoecer, e as concepções de doença e dos doentes. Essa abordagem reconhece as doenças como processos sociais que devem ser analisados dentro de contextos políticos, econômicos, sociais e científicos.

Ao analisar o livro didático “História: Sociedade e cidadania”, 7º ano, de autoria de Alfredo Boulos Júnior (2018), constatou-se que nos dois capítulos dedicados ao período colonial na América, intitulados “Conquista e colonização espanhola da América” e “América Portuguesa: Colonização”, apenas um excerto menciona as epidemias durante o período colonial. Essa observação reflete uma tendência em que as epidemias são mencionadas apenas como fatores determinantes no contato inicial entre ibéricos e nativos, enquanto são negligenciadas em períodos subsequentes.

**Figura 3:** Excerto de livro didático, em que as epidemias são mencionadas.



**Fonte:** BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, sociedade & cidadania: 7º ano - ensino fundamental. 4ª Ed. São Paulo: FTD, 2018.



Com base nesses pressupostos, ao refletirmos sobre o alcance da história das doenças no ensino básico, observamos um distanciamento entre as discussões acadêmicas e a prática docente. Essa constatação foi reforçada pela análise de materiais didáticos voltados para o ensino básico, como evidenciado no exemplo a seguir.

Assim, a proposta de intervenção deste trabalho baseia-se na análise das fontes primárias mencionadas, considerando sua viabilidade como recurso didático para o ensino de História. Esses documentos não só ilustram o contexto das epidemias na América colonial, mas também proporcionam um meio eficaz para desenvolver o senso crítico dos alunos, permitindo-lhes entender as doenças dentro de um contexto histórico mais amplo.

## USO DE FONTES DOCUMENTAIS EM SALA DE AULA

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) desenvolvidos na década de 1990, a saúde foi integrada como tema transversal. Isso significa que, embora não seja uma disciplina autônoma, essa temática pode ser incorporada às diversas áreas de conhecimento existentes. Já na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), atualmente em vigor, as questões de saúde e doença são tratadas predominantemente nas áreas de ciências e educação física, sem inserção direta nos conteúdos de história (Oliveira, 2021).

No entanto, ao reconhecer que a própria BNCC destaca a importância do ensino de história, especialmente no que se refere ao período colonial da América, e considerando que a história examina as ações humanas no tempo e espaço, torna-se evidente a necessidade de abordar a história das doenças nas salas de aula do Ensino Básico. Como identificado em análises de materiais didáticos, há uma clara escassez de discussões aprofundadas sobre esse tema, o que não deve servir de impedimento para sua abordagem pedagógica.

A pandemia da COVID-19, por sua vez, trouxe transformações significativas nas relações cotidianas, impactando profundamente o processo de ensino-aprendizagem. Como destaca Heller (1985), “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”. Nesse sentido, reforça-se a necessidade de que o ensino de história transcenda os limites da sala de aula, incentivando os alunos a refletirem sobre seu cotidiano (Schmidt; Cainelli, 2004, p.150).

Diante desse cenário pandêmico, surge um debate crucial sobre os métodos de ensino adotados durante o período de quarentena e, mesmo com a flexibilização e eventual retorno à normalidade, ainda há questionamentos sobre o conteúdo ensinado e como a disciplina de história pode contribuir para a compreensão do contexto atual (Oliveira, 2021).

Este trabalho se propõe a analisar o contexto pandêmico à luz do conceito de Sindemia, considerando a perspectiva metodológica de Singer (1996). Sob essa ótica, a COVID-19 é entendida não apenas como uma infecção causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, mas também como um fenômeno interligado a uma série de doenças não transmissíveis, como hipertensão, obesidade e doenças cardiovasculares. Ademais, essa

abordagem evidencia que a gravidade da doença pode aumentar significativamente para determinados grupos sociais, exacerbando desigualdades preexistentes.

O contexto pandêmico também evidenciou as desigualdades estruturais presentes no sistema educacional, afetando especialmente os estudantes da rede pública. Além das dificuldades relacionadas ao ensino remoto, é importante considerar as percepções e opiniões dos alunos sobre a realidade em que estão inseridos, particularmente no que diz respeito ao acesso ao conhecimento, que muitas vezes é mediado por redes sociais, fontes frequentes de informação.

Essa dinâmica contribui para a ausência de reflexões mais profundas que atribuam um significado histórico, social ou cultural ao contexto vivido. Como ressalta Chávez (2017, p.289); *“las actividades que la juventud realiza a través de internet repercuten importantemente en las formas en la que obtienen información y desarrollan competencias y habilidades en campos como el social, el cultural y el de formación”*.

A abordagem proposta para este estudo não pretende esgotar todas as questões levantadas, mas visa contribuir para a formação cidadã dos estudantes, promovendo uma compreensão crítica da realidade a partir da perspectiva histórica de que as doenças fazem parte da história. Ao falar em formação cidadã, sublinha-se a importância de relacionar a realidade pandêmica com eventos passados, de modo a promover ações coletivas eficazes para enfrentar os desafios contemporâneos.

Dessa forma, selecionamos trechos de fontes históricas que tratam das epidemias no período colonial, descrevendo vivências cotidianas, tratamentos e impactos. Esses excertos possibilitam a problematização do tema e a comparação com a pandemia atual, respeitando as diferenças contextuais. O trecho a seguir, extraído das *Cartas Anuais de la Provincia Jesuítica del Paraguay* (1714-1762), narra a experiência de um padre jesuíta durante uma epidemia que assolou uma missão indígena:

Estou lutando contra a praga há quase três meses ... foi isso que consegui, que só avança a passo lento, não prostrando todo o Povo de uma só vez. No local que fica a 4 milhas da cidade, mandei construir cerca de 50 cabanas, para onde tenho os doentes transferidos, quando se notam os primeiros sintomas da peste... e quando a varíola é declarada, mando tirar o doente de sua casa e queimá-lo e construir outro em outro lugar (Jesuítas, [1735-1743] 2017, p.602).

A narrativa é particularmente pertinente para ser trabalhada em sala de aula, pois descreve uma medida de isolamento social onde os infectados foram transferidos para fora do povoado, uma prática semelhante à adotada durante a pandemia atual. Ademais, é crucial compreender a epidemia relatada em seu contexto histórico, discutindo com os alunos aspectos da sociedade da época, especialmente em relação aos tratamentos médicos e às noções vigentes, como o desconhecimento da microbiologia.

No contexto da obra “Erário Mineral” (1735), escrita por Luís Gomes Ferreira em Minas Gerais, é possível observar a interação de saberes e culturas, resultado do

encontro de pessoas de diferentes regiões do Brasil e da Europa, gerando uma medicina multifacetada. O trecho a seguir exemplifica um dos tratamentos peculiares descritos na obra:

Pôr em cima do sinal a mão de qualquer defunto e deixá-la estar até que a parte se esfrie bem faz desaparecer os sinais ou manchas dentro de poucos dias; a limpar ou esfregar as manchas com as páreas ainda quentes de uma mulher parida faz o mesmo efeito; untar os sinais com o primeiro esterco das crianças quando nascem, a que chamam ferrado, deixando-o secar na parte, também é bom remédio; mesmo faz o sangue menstruas das mulheres posto na nódoa (Ferreira, 1735, p 414).

Esses tratamentos refletem uma compreensão da medicina profundamente enraizada nas concepções culturais, religiosas e sociais do século XVIII, onde a visão do corpo humano, a doença e a cura eram significativamente diferentes das atuais. Trazer essa perspectiva histórica para a sala de aula oferece uma oportunidade de demonstrar como as noções de saúde e tratamento são moldadas pelo contexto sociocultural de cada época. Ao expor os estudantes a essas práticas, eles podem entender que a medicina não é uma ciência fixa e universal, mas sim uma prática que evolui ao longo do tempo, influenciada por diversos fatores externos. Essa compreensão ajuda a desenvolver um senso crítico em relação às práticas contemporâneas, permitindo que os alunos questionem e reflitam sobre as bases culturais e científicas que sustentam o conhecimento atual.

Ao abordar esses aspectos em sala de aula, os professores não apenas ampliam o conhecimento dos alunos sobre a história da medicina, mas também estimulam uma análise crítica das práticas sociais contemporâneas. Por exemplo, ao comparar os tratamentos descritos no “Erário Mineral” com as práticas médicas modernas, os estudantes podem explorar como avanços científicos, mudanças culturais e transformações sociais contribuíram para o desenvolvimento das ciências da saúde.

Esse tipo de análise histórica também ajuda a contextualizar as práticas médicas atuais dentro de uma narrativa mais ampla de progresso e mudança. Em um mundo onde as *fake news* e a desinformação podem distorcer percepções sobre saúde e ciência, essa abordagem educacional é crucial para capacitar os estudantes a distinguir entre práticas baseadas em evidências e aquelas enraizadas em superstição ou crenças culturais desatualizadas.

Assim, ao integrar essas discussões nas aulas de história, contribui-se para o desenvolvimento de uma consciência histórica e crítica nos estudantes, essencial para a formação de cidadãos capazes de participar ativamente de debates sobre saúde pública, ciência e sociedade. Ao entender como as concepções de saúde evoluíram ao longo do tempo, os alunos estão melhor equipados para analisar criticamente o presente e contribuir para a construção de um futuro mais informado e equilibrado.



## CONCLUSÃO

A história das doenças é um tema frequentemente negligenciado nos livros didáticos de história, este trabalho se propôs a explorar essa lacuna através da análise de fontes primárias, como as *Cartas Anuais de la Provincia Jesuítica del Paraguay* (1714-1762) e o tratado médico “Erário Mineral (1735)”. Esses documentos oferecem uma valiosa oportunidade para examinar práticas históricas de isolamento e as concepções de saúde e doença em diferentes contextos, o que pode enriquecer significativamente o ensino de história ao incorporar novos elementos e perspectivas para a aprendizagem.

A utilização de fontes primárias em sala de aula, como as mencionadas, vai além de uma simples adição de conteúdo. Ela permite que os estudantes estabeleçam conexões entre o passado e o presente, desenvolvendo uma compreensão mais ampla e crítica das práticas de saúde ao longo do tempo. O objetivo deste estudo foi, portanto, apresentar uma metodologia que integra a história das doenças ao currículo escolar, demonstrando que é possível utilizar eventos históricos para refletir sobre questões contemporâneas e, assim, promover uma aprendizagem que transcenda os limites tradicionais do ensino.

A pandemia de COVID-19 serviu como um catalisador para debates sobre como as sociedades enfrentam crises sanitárias, incentivando pesquisadores a revisitarem a história em busca de lições que possam ser aplicadas ao presente. Essa busca, no entanto, deve ser feita com a consciência de que as doenças não são fenômenos homogêneos; elas emergem em contextos específicos, onde as influências culturais, sociais e econômicas moldam tanto as respostas coletivas quanto as percepções individuais. Dessa forma, o estudo das doenças no passado não apenas esclarece as respostas históricas, mas também ilumina as maneiras pelas quais as sociedades reconstróem suas práticas e valores em tempos de crise.

Como argumenta Hannah Arendt (2011), toda crise traz consigo uma oportunidade para inovação e mudança. No contexto do ensino de história, o estudo das fontes históricas sobre doenças pode abrir caminhos para uma formação cidadã mais crítica e reflexiva. Ao explorar as reações sociais e as práticas médicas de períodos passados, os alunos são incentivados a questionar e compreender as complexas interações entre saúde, cultura e sociedade. Isso é particularmente relevante no cenário atual, onde os impactos da pandemia de COVID-19 continuam a reverberar em diversos aspectos da vida cotidiana.

Além de promover uma compreensão histórica das doenças, o uso dessas fontes em sala de aula pode ajudar a desenvolver habilidades críticas nos alunos, permitindo-lhes analisar como as respostas a crises de saúde têm sido moldadas por diferentes contextos e valores ao longo do tempo. Essa abordagem não apenas enriquece o entendimento do passado, mas também capacita os estudantes a participar de forma mais informada e crítica nos debates contemporâneos sobre saúde pública e crises sanitárias.

Portanto, este trabalho defende que a inclusão da história das doenças no currículo escolar não é apenas uma adição relevante, mas uma necessidade. Ao permitir que os

alunos estabeleçam paralelos entre eventos históricos e a realidade atual, promove-se uma aprendizagem significativa que pode contribuir para uma sociedade mais consciente e preparada para enfrentar os desafios do futuro. A história das doenças, quando abordada de maneira crítica e contextualizada, torna-se uma poderosa ferramenta para a formação de cidadãos capazes de compreender e atuar no mundo de maneira mais informada e responsável.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. BARCA, Isabel (Org.) Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, sociedade & cidadania: 7o ano - ensino fundamental. 4a Ed. São Paulo: FTD, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2019. Disponível em:<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso 03 de Dez. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais. 1998. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/component/content/article/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12657-parametros-curriculares-nacionais-5o-a-8o-series>> Acesso em 03 Dez. de 2021.

CHÁVEZ, A. R. Información líquida en la era de la posverdad. Revista General de Información y Documentación. Madrid, vol. 28, no 1, 2018, p. 283- 298.

FERREIRA, Luís Gomes. Erário Mineral. Org. Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. 2002.

FOUCAULT, Michel. As Palavras e as Coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2a Ed., 1985.

JESUITAS. 2017. Cartas ânuas de la Provincia Jesuitica de Paraguay. 1714-1720. 1720-1730. 1730-1735. 1735-1743. 1750-1756. 1756-1762. Biblioteca de estudios Paraguayos, Asunción, v.112.

LE GOFF, Jacques (org). As Doenças tem história. Lisboa: Terramar, 1985.

OLIVEIRA, Thayane Lopes. A história das doenças nas aulas de História: uma abordagem possível. Revista História Hoje. V. 10, n 20, p.33-50. Julho de 2021.

SCHIMIDT, Maria auxiliadora, CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.

SINGER M. A dose of drugs, a touch of violence, a case of AIDS: conceptualizing the SAVA syndemic. Free Inq Creat Sociol 1996; 24:99-110.